PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: A ANTIGA SWIFT

Andressa Mastroldi Ferrarezi, Hélio Hirao

Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, SP. E-mail: hirao@fct.unesp.br

RESUMO

Este artigo analisa um patrimônio industrial de São José do Rio Preto-SP, e pontua as necessárias intervenções para a sua salvaguarda no contexto da cidade contemporânea. Através do diagnóstico da situação atual, do processo histórico, de uso e apropriação socioespacial, faz reflexões sobre outras experiências de obras de referência e aponta alternativas para sua salvaguarda. Com a implantação da Estrada de Ferro Araraquarense e os ciclos econômicos agrícolas, a cidade teve um momento econômico favorável que refletiu, na década de 1940, na implantação de complexos industriais, dentre eles a Swift, imponente conjunto arquitetônico fabril. Depois de seu auge, na decadência foi abandonado. No entanto, seu valor patrimonial é inquestionável, constituindo-se em um suporte material dessa importante fase do crescimento e desenvolvimento da cidade. Desse modo, aponta possíveis diretrizes de intervenções para a permanência deste patrimônio industrial considerando as relações do lugar e seu entorno, abrangendo o Lago da Represa Municipal.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial; Intervenção; Swift; Preservação; São José do Rio Preto

PRESERVATION OF INDUSTRIAL HERITAGE IN THE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: THE OLD SWIFT

ABSTRACT

This article discusses an industrial heritage of Sao Jose do Rio Preto-SP, and indicate the operations necessary for their protection in context of the contemporary city. Through the diagnosis of the current situation, the historical process of use and ownership, makes reflections on other experiences of reference works and suggests alternatives for their protection. With the deployment of the Railroad Araraquarense and the economic cycles agricultural, the city had a moment favorable economic that reflected, in the 1940s, in the deployment of industrial complexes, among them the Swift, imposing architectonic complex manufacturing. After its peak, the decline was abandoned. However, their equity value is unquestionable, constituting a material support this important phase of the growth and development of the city. In this way, points out possible guidelines for interventions for the permanence of this industrial heritage considering the relations of place and its surroundings, including the Lake Dam Municipal.

Keywords: Industrial Heritage; Intervention; Swift; heritage; São José do Rio Preto-SP

INTRODUÇÃO

O artigo discute a relação do Complexo Fabril da Swift e a cidade de São José do Rio Preto, faz um diagnóstico da situação atual e referência ao processo histórico de uso e apropriação para pensar alternativas de preservação deste patrimônio industrial.

A cidade de São José do Rio Preto, localizada no oeste do estado de São Paulo, fundada em 1852, é polo regional devido a sua posição estratégica que favorece o escoamento da produção agrícola, próxima das fronteiras de três estados (MG, MT E GO). Com a chegada da Estrada de Ferro Araraquarense, em 1912, a cidade teve um surto econômico, e na década de 1940, recebe o Complexo Fabril da Antiga Swift, um dos mais importantes estabelecimentos da cidade na época.

Situado em frente o Lago I da Represa Municipal, se discute a formação da cidade até os dias atuais, o surgimento do Complexo Fabril da Swift, o contexto em que ela se inseriu na dinâmica da cidade, a fim de embasar as análises e reflexões para sua salvaguarda. O valor patrimonial das instalações da Antiga Swift em relação à história do município é inquestionável, é suporte material de uma importante fase do crescimento e desenvolvimento da cidade, além de apresentar características da arquitetura industrial inglesa. Tendo em vista a situação atual do complexo, de abandono, esse texto analisa possíveis diretrizes de intervenção que garanta a permanência deste patrimônio industrial e considere as relações do lugar e seu entorno.

As diversas tentativas de ocupação do local ao longo de vinte e nove anos, desde a desapropriação do edifício pela Prefeitura Municipal direcionaram as intervenções e especificações de uso do local. Ao analisar a vivência dos moradores e frequentadores da região, o levantamento do processo histórico da área, e anotar os usos e apropriações existentes. Verificou que a utilização do lugar deve ser democrática abrangendo os vários segmentos da população e voltado para a cultura e lazer. Necessário, articular a intervenção com a cidade, com isso, as diretrizes projetuais devem manter os usos existentes, valorizar o processo histórico e qualificar os espaços, articulando o Lago I aos Lagos II e III que já possuem intervenções, principalmente para a prática de esportes. A valorização da paisagem tem tanta importância quanto o patrimônio histórico e cultural da área. Portanto, tem-se como objetivo indicar diretrizes que qualifiquem a área com significados, envolvendo o passado de trabalho e lazer, com a preservação dos suportes materiais de memória e a manutenção das atuais apropriações.

METODOLOGIA

Primeiro realizou-se um levantamento sobre a fundação da cidade de São José do Rio Preto, seu crescimento urbano, o contexto histórico que se insere a cronologia da Swift, além de

análises do complexo fabril e seu entorno, leitura visual da área e análises morfológicas. Em sequência, as análises foram realizadas a partir de procedimentos tais como visitas de campo e análise visual baseadas na metodologia de Cullen¹ (1983) e de análise morfológica de Del Rio² (1990). A partir dessas análises elaboraram mapas de diagnósticos e reflexões. Por fim, o estudo de referências projetuais e partidos arquitetônico, de obras de intervenções sobre patrimônio histórico: Rua do Porto em Piracicaba do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, o Museu do Forte do Presépio, Belém-PA de Mário Mendonça de Oliveira, o Conjunto KKKK, de Registro-SP do escritório Brasil Arquitetura e, o Sesc Pompéia, São Paulo – SP de Lina Bo Bardi, a fim de elaborar as estratégias projetuais a serem utilizadas para salvaguarda do patrimônio.

RESULTADOS

São José do Rio Preto, é considerada uma capital regional e um polo de atração exercida em influências socioeconômica, política e cultural sobre aproximadamente 150 municípios de menor porte. Atingindo, também, as fronteiras dos estados de Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Os sistemas urbanos, no Brasil, foram formados em períodos diferentes (SPOSITO, 2012), sendo que cada um possui um conjunto de condicionantes que predominam e determinam o surgimento das cidades. No caso de São José do Rio Preto, teve início, em 1840, com uma ocupação de mineradores originários da Vila de Nossa Senhora do Carmo dos Tocos, hoje Paraguaçu-MG. Esse núcleo original foi erguido sob a lógica pré-ferroviária (WHITACKER, 2012), por sua posição geográfica, oportunidades de acesso e deslocamento, junto a necessidade de manejo e comercialização de animais.

A expansão territorial (Figura 1) sempre se organizou pelos córregos que cortam a cidade. Inicialmente, em 1852, o núcleo se estrutura entre o Rio Preto, os córregos Borá e Canela, em 1895, a primeira expansão avançará até o Córrego Piedade, na direção norte, em 1923, a expansão para o oeste abrangerá o Córrego dos Macacos. Segundo Alcantara (2013), após a crise de 1929, São José do Rio Preto assumirá uma centralidade ainda maior, pois é a partir de então que ocorre uma maior diversificação da produção agrícola, sendo cultivados os principais gêneros de exportação do país, com isso em 1930 o setor industrial se estabelece na cidade.

¹ Cullen usa como metodologia a visão serial, a qual se baseia na leitura do espaço através das cenas. A revelação progressiva da imagem cria uma sensação de descoberta em função da malha em relação a diversos elementos e as suas características.

² Del Rio Propõe a metodologia baseado nas metodologias já existentes, dentro da análise da morfologia urbana ele propõe estudos como os de figura fundo, que possibilitam uma análise visual rápida e precisa.

Figura 1. Formação da Cidade de São José do Rio Preto

Fonte: Adaptado Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto; WHTACKER (20012); BRANDI (2002).

Concomitantemente, no ano de 1933, a Estrada de Ferro, chega em Araraquara e em 1912, em São José do Rio Preto. A partir de então, a cidade cresce de forma radial, atingindo seu maior crescimento na década de 70, quando os investimentos estatais direcionados a agropecuária e indústria fortalecem a dinâmica do interior de São Paulo. (ALCANTARA, 2013) O centro tradicional, a área core, deu origem ao principal centro comercial e de serviços públicos e privados. Em 1980 foram implantados alguns trechos de vias exclusivas para pedestres (calçadão) aumentando sua centralidade e importância para a cidade e a para os cidadãos. Com o aumento da concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como também, não há resquícios das antigas instalações industriais ou de armazenamento, sendo que estes serão encontrados ao longo da linha férrea fora da área central, como a Swift. (WHITACKER, 2012) Essa expansão abrangeu toda a área entre os córregos que originaram a cidade, dando a ela características de monocentralidade. Os Córregos Borá e Canela foram retificados, tamponados e sobre eles, respectivamente, as avenidas Alberto Andaló e Bady Bassit. O Rio Preto, também foi retificado e tamponado e abriga a Avenida Philadelpho Gouveia Neto. Em 1955, outro trecho do Rio foi represado para o abastecimento da cidade, dando origem as Represas I, II e III, tornando-se cartão postal da cidade.

Em 1920, São José do Rio Preto contava com 60 mil habitantes, inicia-se um período de crise econômica na comercialização do café, monocultura base da economia agroexportadora produtora do excedente que possibilitou o crescimento da cidade. Por conta da baixa na sua comercialização teve início, a produção de algodão, cana de açúcar e laranja que surgem como alternativa à economia local. No período de 1937 a 1950, o setor industrial no oeste do estado de São Paulo tem um crescimento significativo. Nesse cenário, a disponibilidade da matéria prima e a

garantia de transporte, em 1942, o Prefeito Ernani Pires Domingues abriu licitação para a instalação de uma indústria na cidade, cuja empresa vencedora foi a Companhia Swift do Brasil.

A chegada da Swift abre caminho para outras empresas como as indústrias do grupo Sanbra e do grupo Matarazzo implantarem-se nas cidades. Em 1944, o complexo da Swift começa a produção. Com 30 mil metros quadrados de área, foi implantada com três galpões, uma sala e uma chaminé com 36 metros de altura (figura 2 e 3), com tipologia da arquitetura inglesa, caracterizada pela utilização de tijolos e estruturas.

Figura 2. Antiga fábrica da Swift, 1945

Fonte: Museu Histórico e Pedagógico D. João VI, 2013

Figura 3. Planta esquemática da Fábrica Swift

Fonte: Arquivo público de São José do Rio Preto

Com grande importância no cenário urbano e regional, chega a empregar mais 300 funcionários. A Swift tinha como atividades extrair o óleo bruto que, posteriormente era transportado para Campinas. Dentre os muitos produtos, as marcas de óleo de cozinha “A Patroa” e “A Dona”, respectivamente extraído do algodão e do Amendoim, passam a fazer parte do cotidiano do brasileiro. No ano de 1969 a fábrica para a produção e concentra apenas na fábrica de Campinas-SP, com ênfase na produção de enlatados, com isso a Swift se torna um depósito de milho. Nessa época o contexto brasileiro é da implantação de indústrias de bem duráveis, o que resulta na decadência da agricultura, consequentemente na falta de matéria-prima para a Swift (LODI, 2013).

Com o desuso da Swift a área começou a sofrer interesses do mercado imobiliário e um projeto de conjunto apartamentos foi anunciado para o local, como informa o jornal Diário da Região de setembro de 1983. Diante disso, grupos ligados a movimentos culturais fazem protesto pedindo o tombamento da área, e em dezembro desse mesmo ano a Prefeitura Municipal compra a área, permanecendo fechada, até que em janeiro de 1985 foi realizado um seminário para a discussão sobre sua destinação com a presença de profissionais como a arquiteta Lina Bo Bardi e arquiteto Marcelo Ferraz. A arquiteta destacou que o complexo deveria ter seu uso voltado para a toda a comunidade, não devendo ter uso ligado somente a artes e cultura. (Diário da Região, 1985)

O processo de tombamento durou cinco anos, e somente em 2003 foi tombada pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Turístico –

COMDEPHACT, como patrimônio histórico e cultural do município, com o decreto publicado somente em 2008. Foi tombado a área contida no polígono a partir da inserção dos eixos das vias a seguir relacionadas: linha da Estrada de Ferro Araraquarense, Viaduto da Av. Murchid Honsi, Av. Duque de Caxias e Rua Conselheiro Lafaiete.

Em 2007, a Secretaria Municipal de Cultura decidiu transformar a Swift em um grande complexo cultural. Nesse projeto consta um anfiteatro, camarins, um auditório, uma biblioteca, espaço para eventos, espaço multiuso e um depósito. Segundo FENTI (2012), o projeto de reforma e restauração da Swift foi dividido em duas partes. A primeira implica na construção de um teatro de 930 lugares e a execução das redes hidráulica, elétrica, de esgoto e pluvial, sendo estas últimas já concluídas. A segunda parte engloba um auditório de 500 lugares, espaço de convivência para professores e a nova sede do Arquivo Público Municipal.

Entretanto, além do projeto citado por Fenti (2012) abranger apenas uma das edificações do complexo, teve apenas a primeira etapa concluída, deixando metade do edifício degradado até que fosse condenado pelo Corpo dos Bombeiros, por conta de problemas na cobertura. Foi interditado em janeiro de 2013, seis meses depois de sua inauguração. Apenas em janeiro de 2014 foi liberado a permissão para o uso do prédio. Atualmente, o edifício ainda passa por reformas para a conclusão de da segunda etapa do projeto, alguns dos espaços serão substituídos por pelo novo projeto realizado pela Secretaria de Educação, com o interesse de instalar o Centro de referência da Infância (CREMIN) e a Escola de Formação Continuada de Gestores Educacionais, de acordo com Lima (2012).

Investigando a percepção dos cidadãos, descobrimos relatos como de Arantes (2009), que fala de fatos marcantes da época em que a fábrica funcionava, como o cheiro característico da produção do óleo, e como antes represa ser construída, os adolescentes adoravam nadar no local e com a chegada da Swift, o local passou a ser conhecido como “quente-frio, porque a água estava fria e, de repente, ficava quente com a água despejada pela caldeira. A molecada fazia a festa”.

No entorno da SWFIT encontra-se a Represa municipal, cartão de visita da cidade, além de servir como abastecimento de água para a cidade. Seu entorno é utilizado como principal espaço de lazer da cidade. No local habitam mais de dez espécies de animais silvestres e uma grande diversidade de algas e plantas compõem o ecossistema da Represa. A Represa Municipal foi construída em 1956. Entre 1987 e 1990, os arquitetos Jamil José Kfoury e Myrthes Baffi executaram, o "Plano de Áreas Verdes". No projeto, a projeção de três lagos: o Lago I, localizado na região do Complexo Swift e do Teatro Nelson Castro; o Lago II, composta por uma pista de caminhada com 2,7 mil metros lineares, três conjuntos de equipamentos de ginástica para alongamento e musculação, Sanitários públicos (masculino e feminino); Quiosques (total de 23) destinados ao lazer de famílias e

crianças em excursões escolares; e o Lago III que compreende pista de caminhada, ciclovia e uma Academia da Terceira Idade (ATI). (PMSJR, 2014)

O Primeiro trecho da Represa Municipal, é composto por uma ciclofaixa instalada na Avenida Duque de Caxias, um anfiteatro, uma ATI e o Complexo da Swift. O local é contemplado com vistas privilegiadas, dos lagos I e II, da Biblioteca Municipal, da estação Ferroviária e da própria cidade, porém é subutilizado, tendo grandes vazios e equipamentos que não são utilizados.

Os estudos de apropriações foram realizados com visitas a campo em diversos horários. Nos períodos da manhã e no fim de tarde a passagem de pedestres é marcante, na fig. 6, vindo de bairros adjacentes para a Represa II, para a prática de algum esporte, geralmente andar de skate e caminhar, as áreas de pesca, também se destacam. No mesmo período, aos finais de semana, além dos usos descritos acima, há a presença de muitos idosos e crianças, e há grande utilização da ciclofaixa. Nos períodos noturnos, principalmente nos finais de semana, os jovens têm forte presença, se encontram para beber, ouvir músicas, usar drogas e às quartas-feiras tem um encontro de hip-hop, também são encontradas importantes marcas dessa apropriação, como grafites.

Figura 4. Mapa de apropriações.

Fonte: Google Earth® e Acervo pessoal: Editado pela autora.

Verifica-se, através da pesquisa realizada, a identificação dos seus principais elementos estruturantes, a “água”, a estrada de ferro e o próprio complexo fabril, reafirmando a importância da área perante a população, analisada nas entrevistas realizadas e no processo histórico da Swift. Reafirma-se a manutenção do uso atual, na área próximo ao anfiteatro, os agrupamentos de jovens, permanência de idosos, locais de passagem e de pesca e na área da Swift o teatro, os usos culturais, também, irão se manter a diretrizes discutidas no seminário de 1985. Isso só foi possível pela comprovação da carência dessas áreas na cidade, por estudo de demanda, principalmente na análise

do principal equipamento cultural da cidade, a Casa de Cultura “Dinorah do Valle”, comprovando a total falta de estrutura para a abranger a maior porte das atividades culturais da cidade.

DISCUSSÃO

Atentando para a diversidade de usos, para o caráter da edificação, localização, importância da mesma para a população e para as análises das referências de obras de intervenção icônicas como a Rua do Porto em Piracicaba do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba, o Museu do Forte do Presépio, Belém-PA de Mário Mendonça de Oliveira, Conjunto KKKK, de Registro-SP do escritório Brasil Arquitetura e, Sesc Pompéia, São Paulo – SP de Lina Bo Bardi, foram estabelecidas diretrizes para uma proposta de intervenções que visem a preservação do patrimônio industrial.

A área da SWIFT, tem diversos usos em diferentes horários, o intuito é preservar este atributo da melhor maneira possível, podemos citar a apropriação dos jovens a noite, dos pescadores e idosos durante o dia e passagem de esportistas ou de pedestres a passeio, para isso apropria-se do mesmo conceito de apropriação da Rua do Porto, que acrescentam novos usos que integram perfeitamente com os já existentes, como a criação de decks para a pesca, instalação de quadras de esporte, locais de descanso e contemplação.

A paisagem privilegiada do local, que contempla o centro da cidade, o próprio complexo da Swift e a represa, como também edifícios da identidade da cidade como a Biblioteca e o palácio das águas, para isso propõe diretrizes análogas ao do Museu do Forte do Presépio, que através dos percursos diversificados com uso de escadas, passarelas, terraços levam o passeio por diversos cenários, à beira-rio, por resquícios históricos da cidade e nos contornos das muralhas do Forte, e o projeto da Rua do Porto, novamente, pois ela permite aos usuários se aproximem do Rio Piracicaba e percorrer diferentes paisagens naturais e os patrimônios históricos do local, isso aliado a transposições do rio valorizando o deslocamento de pedestres.

Algumas estratégias usadas no conjunto KKKK como a unificação dos edifícios pela marquise, marcando também a circulação, a recuperação das margens do rio integrando-o com o conjunto e a valorização histórica da cidade através do projeto do Brasil Arquitetura, as quais são reaproveitadas nas diretrizes de intervenção apontadas por este artigo, onde a ligação entre os edifícios é atrelada a circulação e espaços de convivência valorizando as diversas atividades dos edifícios.

O projeto de Lina Bo Bardi, é referenciado através da adoção dos princípios do Restauro Crítico, o ambiente deverá continuar remetendo ao antigo, porém com novos usos e novos elementos. Voltando o olhar para o complexo da Swift, deve-se manter os principais edifícios o silo graneleiro, os edifícios que abrigavam as caldeiras e o depósito e as prensas.

CONCLUSÃO

Considerando as primeiras intenções com a área da Swift de São José do Rio Preto, quando foi desapropriada pela prefeitura para ser um centro cultural/histórico, as observações da população e o histórico da área, chega-se à diretriz do principal uso para ser implantado. Deve ser democrático contemplando os vários segmentos da população e sempre voltado para a cultura e lazer.

Atribuindo à proposta de intervenção uma articulação maior com a cidade, com isso as diretrizes de intervenções no local são manter os usos existentes valorização do patrimônio histórico e qualificar os espaços, articulando o Lago I aos lagos II e III.

A valorização da paisagem tem tanta importância quanto o patrimônio histórico da área, demonstrando a possibilidade de uma proposta de intervenção de qualidade envolvendo o passado de trabalho e lazer, a preservação da memória e a manutenção das atuais apropriações.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Lelé. Quem Faz História em São José do Rio Preto, Editora: THS, 2009.

Brandi, Agostinho. "São José do Rio Preto 1852-1894 - Roteiro Histórico do Distrito", Editora: Rio Pretense, 2002.

Diário da Região. Arquiteta Defende Swift 'Voltada para a Comunidade', In. Jornal Diário da Região, 1985.

FENTI, Daniela. Swift agora é patrimônio histórico. In. Jornal Diário da Região, 2012. Disponível em < <http://www.diarioweb.com.br/novoportal/Divirtase/Teatro/98491,,Teatro+Municipal+Paulo+Moura+sera+inaugurado+amanha.aspx> > Acessado em: 10 de mar. De 2014.

LIMA, Vívian. Reforma do Teatro da Swift já se 'arrasta' por três anos. In Diário Da Região, 08 de Jan de 2012.

LODI, Nilce. A história da Swift: um bem cultural. Jornal Diário da Região, São José do Rio Preto. Disponível em: <<http://www.diarioweb.com.br/novoportal/Noticias/Teatro/85851,,Reforma+do+Teatro+da+Swift+ja+se+arrasta+por+tres+anos.aspx>>. Acesso em: 10 de nov. 2013.

Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto. Disponível em < <http://www.riopreto.sp.gov.br/> > Acesso em: 21 de Jul. de 2014.

WHITACKER, Arthur Magon. Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto-SP. - Presidente Prudente, 2012.